

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA

JOSIANE FERREIRA NUNES

A importância do afeto em sala de aula

Porto Alegre
2011

JOSIANE FERREIRA NUNES

A importância do afeto em sala de aula

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAGED/UFRGS.

Orientador (a): Prof. Dra. Natália Gil

**Porto Alegre
2011**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

DEDICATÓRIA

A memória do meu querido pai Sady Oscar Nunes que não terá a oportunidade de viver este momento. A minha querida mãe Orci Ferreira Nunes pelo encorajamento durante o tempo de formação. Ao meu esposo Rodrigo Antunes, pela tolerância com que encarou as minhas ausências, pela dedicação e espírito de sacrifícios consentidos durante a minha formação. Ao meu querido filho Arthur que muitas vezes teve que suportar a minha ausência, falta de carinho e atenção. Aos meus irmãos, cunhados e sobrinhos, amigos, alunos e colegas pela coragem, incentivo e presença constante nos momentos difíceis.

AGRADECIMENTOS

Cinco anos se passaram e muito tenho a agradecer. Agradeço a DEUS, primeiramente, por ter me dado força durante esses anos de curso, em meio a dificuldades. Por ter me iluminado nas decisões mais difíceis e por ter me guiado ao longo do curso para trilhar o caminho mais correto possível.

Aos meus pais, SADY OSCAR NUNES (in memoriam) E ORCI FERREIRA NUNES, pelo amor e dedicação e por terem me proporcionado essa oportunidade de um futuro promissor. Principalmente meu pai, que fez dele todos os esforços possíveis para dar continuidade a essa jornada, me dando todo apoio e força para pleitear essa formação, e a minha querida mãe, por tantas vezes ter aberto mão das próprias vontades para realizar meus caprichos.

Ao meu pequeno príncipe, ARTHUR, por ter me proporcionado a maior felicidade deste mundo, pelas risadas que me encantam e me enchem de forças nesta jornada e pelos momentos felizes juntos e que me enchem de satisfação por ser mãe.

Ao querido RODRIGO pelo amor e compreensão sempre, me deixando mais tranquila nos momentos mais difíceis.

Aos meus irmãos, cunhados e sobrinhos que, por mais difícil que fossem as circunstâncias, sempre tiveram paciência.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul por ter oferecido ensino público, gratuito, de qualidade e a distância.

Aos professores do PEAD pela dedicação, compreensão e confiança.

Aos alunos e professores da E.E.E.M. Dr. Genésio Pires por acreditar no trabalho realizado.

RESUMO

O texto tem como foco a concepção da afetividade assim como a autoestima do aluno, um assunto que vem sendo visto por determinados profissionais da educação como o caminho para o alcance de bons resultados escolares e, por conseguinte, na vida adulta destes alunos. A relação afetiva entre os sujeitos envolvidos no processo ensinar-aprender, o fazer compartilhado, o exercício do diálogo, o saber escutar, o respeito pelo outro, o estar aberto configuram-se como subsídios de fundamental seriedade para a aprendizagem. O sujeito edifica-se a partir das afinidades entre um mundo exterior, estruturado pela cultura e pelas condições históricas, e por um mundo interno, não tão somente no aspecto cognitivo, mas afetivo, que abarca desejos, sentimentos e emoções. Deste modo, é extremamente importante tirar proveito dessas relações na prática educativa. Na sala de aula, ambiente social de convívio diário, foi possível perceber movimentos que distinguem os conflitos eu-outro e que se fundam em oportunidades de questionamentos, concentração e conscientização, e outros que tão-somente corroem a relação professor/aluno/conhecimento. Esta pesquisa tem como objetivos, refletir a propósito da afetividade como fator importante no relacionamento professor e aluno, ampliando apreciações sobre a interligação entre a aprendizagem e a afetividade na constituição da autoestima; considerar que ações pedagógicas beneficiam a afetividade no trabalho do professor e identificar as dificuldades na relação entre professor e aluno, que abrangem a questão da afetividade com a aprendizagem, além de tratar da postura do professor diante das dificuldades no relacionamento com alunos. Este trabalho foi desenvolvido com um enfoque qualitativo e de cunho bibliográfico em que, por meio desta metodologia, compreendi os episódios históricos educacionais e as analogias sociais que indicaram a trajetória da relação professor e aluno tendo como assunto fundamental a questão afetiva na formação do aluno e sua vinculação com o processo educacional. Para constatar essa hipótese optou-se por considerar relatos de alunos da faixa etária entre nove e onze anos de uma escola pública da zona rural de um município da região metropolitana de Porto Alegre durante o ano letivo de 2010. Através da pesquisa, notei que a afetividade e a educação são um desafio para a aprendizagem expressiva e incidem num processo de educação para a vida, numa parceria entre professor, aluno, família e comunidade, grupos sociais tão importantes no sucesso da aprendizagem do aluno.

PALAVRAS-CHAVE: afetividade, autonomia, relação professor-aluno.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE	9
A AFETIVIDADE NA PRÁTICA DE SALA DE AULA.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS.....	31

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso concentra a atenção na importância da afetividade na prática pedagógica. A palavra afetividade é utilizada com uma significação ampla, referindo-se às vivências dos indivíduos, bem como às formas de expressão essencialmente humanas. Parte-se aqui do entendimento de que é necessário que o professor conheça a sua turma para que possa lidar com todos os tipos de situação, visto que o educando necessita na maioria das vezes da intervenção do professor para que ele se sinta seguro para estabelecer uma relação com o grupo e assim garantir uma troca de saberes.

Durante as atividades desenvolvidas em sala de aula, quando era proposta uma atividade diferenciada e realizávamos a correção das atividades no quadro, no momento de organizarmos atividades fora da sala de aula, observei que as crianças, de aproximadamente nove anos de idade, apresentam comportamentos, atitudes, dificuldades na área cognitiva, intelectual, física e social, pré-relacionados às questões da afetividade. As crianças necessitam conviver em um ambiente onde as relações afetivas estejam presentes. Assim deve ser na escola, como em casa, na comunidade e nos demais meios em que circulam.

Os elementos considerados sugerem afirmar que a escola exerce um papel de grande importância no desenvolvimento socioafetivo da criança. Segundo Almeida,

[...] como meio social, é um ambiente diferente da família, porém bastante propício ao seu desenvolvimento, pois é diversificado, rico em interações, e permite à criança estabelecer relações simétricas entre parceiros da mesma idade e assimétricas entre adultos. Ao contrário da família, na qual a sua posição é fixa, na escola ela dispõe de uma maior mobilidade, sendo possível a diversidade de papéis e posições [...]. (ALMEIDA, 1999, p. 99).

Dessa maneira, o educador e os alunos são interlocutores constantes tanto no adiantamento intelectual como no do caráter da criança, o que poderá ser completado individual e socialmente. Não se compartilha do jogo social sem sentimento e não se aprende sem sentimento. A apreensão com a afetividade passa a existir dessa certeza de que o aluno só instruir-se quando se sente abrigado, respeitado, valorizado. Essa é a real probabilidade de alcançar uma educação com mais propriedade e sentido para os aprendizes. É formidável que

o professor decomponha o receio ou a apatia dos seus alunos por meio de afinidades entusiásticas, ternas, competentes.

Para verificar essa hipótese optou-se por analisar relatos de alunos da faixa etária entre nove e onze anos de uma escola estadual da zona rural de um município da região metropolitana de Porto Alegre durante o ano letivo de 2010.

A investigação assim conduzida tinha por objetivo dialogar sobre a importância da relação professor-aluno de modo a refletir o quanto a afetividade é importante na prática pedagógica. Também é preciso destacar que um estudo dessa natureza permitiria constatar que nas relações humanas, os estímulos cognitivos e afetivos são extremamente importantes na construção do sujeito. No que diz respeito à afetividade como um fator fundamental para a valorização da autoestima do aluno de modo a colaborar para a construção de um bom ambiente escolar, busquei utilizar como questões norteadoras para a pesquisa as seguintes inquietações que como:

Qual a relação entre a afetividade e a falta de interesse escolar?

Que conexão pode haver na relação entre professor e aluno de modo a influenciar na construção da autoestima do aluno?

De que maneira reage um professor diante de um aluno agressivo ou indiferente?

Esse esforço se explica pela seriedade do tema, aceito que a ação educativa abrange três amplas habilidades: emocional, cognitiva e social. A habilidade social aumenta dois outros temas básicos: a solidariedade e a seriedade da cooperação. A habilidade emocional tornar-se visível o que há de mais digno no ser humano: a disposição de amar e de ser amado. Ela transcorre as outras duas. Assim, não há aprendizado sem sentimento, o professor deve estar organizado para perpetrar da escola a ponte para um novo tempo, um tempo com a visão de esperança de modo a citar uma nova postura na sala de aula, com um olhar mais humano. Essas transformações supõem-se, devem advir em uma atmosfera prazerosa, tomado de alegria, onde a criança deve sentir-se respeitada na sua ação de desenvolvimento e onde o educador conheça as características deste processo. Devem ocorrer dentro de um ambiente permeado de ações que manifeste a afetividade, onde a relação professor aluno é base para o completo desenvolvimento.

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE

O tema afetividade configura-se como um importante desafio para o professor que, por vezes, tem em sua formação orientações específicas para mobilizar conceitos cognitivos, muitas vezes desconsiderando os conceitos afetivos necessários para a valorização da afetividade e também a autoestima do aluno.

Dessa forma, ao abordar esse tema, o que se pretende é contribuir para promover uma maior discussão e motivar o empenho dos educadores que acreditam no sucesso escolar tendo como abertura a afetividade em sua relação educacional colaborando para a autoestima positiva do educando. Neste ponto de vista, o que se busca é evidenciar que é possível construir um ambiente escolar firmado no respeito, favorecendo a construção da autoestima que está intimamente ligada à afetividade.

Gerenciar a emoção é a fundação de uma vida inspiradora. É edificar dias felizes, mesmo nos momentos de tristeza. É desempenhar o sentido da vida, mesmo nos descontentamentos. Não há dois senhores: ou você domina a energia emocional, ainda que parcialmente, ou ela o dominará (CURY, 2003). Augusto Cury nos alerta para a necessidade de aperfeiçoarmos nossa emoção por meio de um gerenciamento de nossos anseios. As palavras de Cury nos acenam a pensarmos em torno da valorização de Ser Humano, do sentido da vida e da educação.

A partir de um maior desvendamento das ideias de Vygotsky, surge se conformando uma visão necessariamente social para o processo de aprendizagem. Numa expectativa histórico-cultural, a abordagem encontrar-se nas relações sociais. É por meio da interação com outros que a criança agrupa os instrumentos culturais. Vygotsky (1994), ao sobressair à importância das interações sociais, apresenta a ideia da mediação e da internalização como aspectos básicos para a aprendizagem, enfatizando que a construção do conhecimento acontece a partir de uma intensa ação de influência mútua entre as pessoas. Consequentemente, é a partir de sua inclusão na cultura que a criança, por meio da interação social com as pessoas que a cercam, vai se desenvolvendo. Apropriando-se das aprendizagens culturalmente postas, ela vai evoluindo das formas simples de pensamento para formas mais complexas, que a permitirão distinguir e controlar a realidade. Nesse sentido, Vygotsky

ressalta a importância do outro não somente no processo de construção do conhecimento, no entanto também de composição do próprio sujeito e de suas formas de agir.

Para Seber (1997), o afeto se desenvolve no mesmo sentido que a cognição ou inteligência, sendo responsável pela ativação intelectual. Através da expansão das capacidades afetivas e cognitivas, as crianças tornam-se capazes de investir afeto e ter sentimentos validados nelas mesmas. Neste sentido, a autoestima possui uma estreita relação com o interesse da criança em aprender, ou seja, a motivação.

O ser humano possui necessidade de ser ouvido, valorizado e acolhido, contribuindo dessa forma para uma boa imagem de si mesmo. De tal forma que a afetividade está fortemente ligada à construção da autoestima. Sua autoridade em toda afinidade é essencial para os sujeitos envolvidos. Sendo assim, a relação entre professor e aluno deve ser o mais próxima possível, ajustada em partilha de sentimentos e respeito recíproco das diferentes ideias.

Wallon e diversos autores estudiosos de sua psicogênese já garantiram que é possível imaginar estar agindo no cognitivo via afetivo e vice-versa. Nesse significado, torna-se claro que qualidades afetivas adequadas promovem a aprendizagem. Os dados empíricos analisados neste TCC proporcionaram ocasiões onde se sobressaiu a preocupação da professora em transmitir tranquilidade aos alunos, beneficiando o processo de aprendizagem. Wallon cita, em sua teoria, o modo contagiante dos sentimentos. “[...] a emoção necessita suscitar reações similares ou recíprocas em outrem e, (...) possui sobre o outro um grande poder de contágio [...]” (1989, p. 91).

Para Oliveira (1998), o aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual, podendo acelerar ou diminuir o desenvolvimento, determinando sobre que conteúdos a atividade intelectual concentrar-se-á.

Na teoria de Piaget, o desenvolvimento intelectual desenvolve-se paralelamente com dois componentes: um cognitivo e outro afetivo. Neste sentido, não são somente os aspectos cognitivos que pautam o desenvolvimento humano, mas também e, principalmente, os aspectos afetivos. De modo que a sala de aula configura-se em um grande laboratório para que se possa observar e, assim, se questionar os motivos que levam o convívio escolar entre professor e aluno, muitas ocasiões, a ficar debilitado e sem estímulo.

Ao mesmo tempo em que precisa de limites, todo ser humano carece de carinho e amor igualmente. O aluno instrui sobre o que é respeito e respeita a partir da ocasião em que vê o professor como um amigo que traz expectativas em relação ao aluno. Alguém que presta atenção de verdade nele e que lhe indica os caminhos. É claro que a afetividade tem ampla influência em nossa vida. Nenhuma pessoa nasceu para padecer, ou fazer o outro sofrer. Desta forma, o aluno igualmente tem o direito de receber tratamento que o respeite enquanto cidadão e que lhe dê atenção. Se as afinidades humanas, embora complexas, são demandas fundamentais na concretização de mudanças em nível profissional e comportamental, não é permitido ignorar a importância de tal interação entre professores e alunos (CURY, 2003).

Toda aprendizagem encontrar-se carregada de afetividade, já que advém das interações sociais, num procedimento vinculado. Refletindo, especificamente, na aprendizagem escolar, a contextura que se tece entre alunos, professores, conteúdo escolar, livros, escrita etc. não ocorrem simplesmente no campo cognitivo. Há um embasamento afetivo permeando essas relações. Os conhecimentos vividos em sala de aula acontecem, primeiramente, entre os indivíduos abarcados, no plano externo (interpessoal). Por meio da intervenção, eles vão se internalizando (intrapessoal), ganham autonomia e passam a fazer parte da história individual. Tais conhecimentos igualmente são afetivos. Os sujeitos internalizam as vivências afetivas com analogia a um objeto específico.

Segundo Freire (1996), um simples gesto do professor pode ser muito mais expressivo na vida de um aluno do que se possa imaginar. Por vezes, um olhar de entusiasmo, um balançar de cabeça demonstrando algo positivo, por outro lado, um gesto revelando desapontamento, podem significar muito mais do que palavras articuladas pelo professor. O professor deve ter muito cuidado com o seu olhar, como também deve aprender a entender o olhar de cada aluno.

É importante refletir sobre o papel do professor na vida do aluno e sobre como pode influenciá-lo de forma positiva ou negativa. Compete ao professor enxergar o aluno como um ser único que necessita aprender, mas acima de tudo é preciso compreender que é imprescindível amor, afeto e respeito para que isso ocorra.

A ida da criança para a escola passa pelo desenvolvimento de competências emocionais – inteligência emocional –, especificamente confiança, curiosidade, intencionalidade, autocontrole, capacidade de relacionamento, de comunicação e de

cooperação. Sem a ajuda e o exemplo do professor esta pode se tornar uma tarefa penosa, pois a criança se espelha no adulto mais próximo, que na escola é o professor.

Assim que a criança chega à sala de aula com uma visão negativa de si, acaba por demonstrar um comportamento diferente dos demais colegas agindo com agressividade, ou apatia e, por vezes, é visto pelo professor como preguiçoso, desatento, irresponsável, ou seja, recebe o rótulo de “aluno-problema”. No entanto, tal questão está relacionada a diversos fatores, principalmente, ao autoconceito que este aluno faz de si, quando não acredita na sua capacidade de resolver situações desafiadoras e acaba por desanimar no primeiro obstáculo que encontra.

Concordando com o que diz Cury (2003), em uma abordagem simplificada, a autoestima é o que o sujeito sente em relação a si mesmo. Quando esse anseio é visto de modo positivo, denota que a pessoa tem uma boa imagem de si, confiando que os outros gostam dela e acreditam em sua habilidade de sobrepor os desafios. Quando essa imagem é negativa, crê que não é merecedora do amor de nenhuma pessoa, não acredita em sua potencialidade. Sentindo-se incapaz, pensa que não sabe fazer nada direito.

A família também exerce um papel importante e fundamental na construção da autoestima. Importante destacar que existem outras construções familiares que não são tradicionalmente pai, mãe e filhos. No entanto, em qualquer arranjo familiar, a afetividade é um fator fundamental na relação com as pessoas que estão comprometidas e diretamente relacionadas com o desenvolvimento integral da criança.

A escola, enquanto instituição social responsável por construir diferentes relações, deve oportunizar melhores condições de aprendizagem, de modo a selecionar atividades e posturas necessárias, que promovam o resgate da autoestima do aluno.

Synders (1998) afirma que quando se ama o mundo, esse amor ilumina e ajuda a revelá-lo, a descobri-lo. Segundo o autor,

O aluno aprende realmente bem o que o cativa, numa atmosfera de aula que lhe pareça segura, com um professor que sabe criar afinidades. Eis porque a escola, ao mesmo tempo, tem de conciliar o intelectual e o afetivo e constitui um lugar privilegiado para operar essa conciliação. A alegria na escola só é possível na medida em que o intelectual e o afetivo conseguem não se opor. (SYNDERS, 1998, p. 92).

Desenvolver o vínculo afetivo, a motivação, a aprendizagem e a disciplina torna-se conquista expressiva para o autocontrole do aluno e seu bem estar dentro do ambiente. É possível perceber dentro de muitas escolas uma forte relação entre professor e aluno, influenciando na formação da autoestima. Aquele professor que não tem amor pela profissão apresenta diferentes reações diante de um aluno indiferente ou agressivo, não compreendendo a situação e podendo comprometer o desenvolvimento escolar de toda uma turma.

Freire (1997) destaca a importância dos componentes afetivos e intuitivos na construção do conhecimento. Diz:

[...] é necessário que evitemos outros medos que o cientificismo nos inoculou. O medo, por exemplo, de nossos sentimentos, de nossas emoções, de nossos desejos, o medo de que ponham a perder nossa cientificidade. O que eu sei, sei com o meu corpo inteiro: com minha mente crítica, mas também com os meus sentimentos, com minhas intuições, com minhas emoções. O que eu não posso é parar satisfeito ao nível dos sentimentos, das emoções, das intuições. Devo submeter os objetos de minhas intuições a um tratamento sério, rigoroso, mas nunca desprezá-los [...]. (FREIRE, 1997, p.43).

O relacionamento professor/aluno ultrapassa os limites profissionais, escolares, do ano letivo e de semestres. É, na verdade, uma relação que deixa marcas e que tem na afetividade e no diálogo uma forma de construção do espaço escolar.

Ser professor não é uma simples tarefa, ao contrário, é uma tarefa que requer, além do conhecimento, amor e habilidade. Ser professor não é simplesmente ser o autor da transmissão de algum tipo de saber para seus alunos. O papel do professor é muito mais amplo e acaba por ultrapassar esta mera transmissão de conhecimentos. Ou seja:

[...] bons professores têm uma boa cultura acadêmica e transmitem com segurança e eloquência as informações em sala de aula. Os professores fascinantes ultrapassam essa meta. Eles procuram conhecer o funcionamento da mente dos alunos para educar melhor. Para eles, cada aluno não é mais um número na sala de aula, mas um ser humano complexo com necessidades peculiares [...]. (CURY, 2003, p.57).

Segundo Antunes (2001), a mediação em sala de aula, assim como a confiança em si mesmo, o desejo de aprender e o prazer em conquistar, formam a química afetiva perfeita para o sucesso do processo de aprendizagem. Nas relações cotidianas constituídas entre professor-

aluno, o respeito, a valorização e a afetividade são imprescindíveis para que a criança sinta-se segura e possa ver o professor como alguém que possa ajudá-la, compreendendo-a em suas dúvidas e angústias, para poder empreender e estimular todas as suas habilidades.

A relação constituída entre professores e alunos compõe a particularidade do processo pedagógico. É impossível dissociar a realidade escolar da realidade de mundo vivenciada pelos discentes, uma vez que essa relação é uma “rua de mão dupla”, pois ambos (professores e alunos) podem ensinar e aprender através de suas experiências.

Para por em prática o diálogo, o educador não pode colocar-se na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber; deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que o analfabeto adulto não é um homem “perdido”, fora da realidade, mas alguém que tem toda a experiência de vida e por isso também é portador de um saber (GADOTTI, 1999, p.2). Desta forma, o aprender torna-se ainda mais importante quando o aluno consegue sentir-se competente através das atitudes de motivação em sala de aula. O encanto pelo aprender não é uma atividade que surge abertamente nos alunos, pois não é uma tarefa que exercem com satisfação, até mesmo sendo em determinados casos enfrentada como obrigação. Para que isto possa ser mais bem cultivado, o professor tem o dever de abrir os olhos dos seus alunos para a curiosidade dos alunos, seguindo suas ações no desenvolver das atividades. O professor não deve preocupar-se tão-somente com a informação por meio da assimilação de informações, mas igualmente pela ação de construção da cidadania do aluno. Para que isto ocorra, é imprescindível a conscientização do professor de que sua função, seu papel é de facilitador de aprendizagem, acessível às novas experiências, buscando envolver, numa relação empática, igualmente os anseios e os problemas de seus alunos e tentar levá-los à auto realização.

De acordo com Celso Antunes (2001), o professor é o singular em sua tarefa pois ele é o único no mundo que tem a argila com a qual se moldará o amanhã. E por essa razão necessita pensar sobre as ferramentas e crenças que demarcam suas ações, averiguando melhores caminhos no processo do “educar”. O aluno não deve exclusivamente concentrar conteúdos, deve ampliar atitudes, habilidades, formas de expressão e de relacionamento. O aprender a viver juntos, a viver com os outros, mostra a necessidade dessas inter-relações entre professores e alunos, é preciso que os educadores saibam estimular a cooperação entre eles e os alunos, recomendando sempre que nesse processo acontecerão trocas e os professores devem ser receptivos para entender os alunos e vice e versa.

Em relação à competência, Perrenoud diz: “[...] competência em educação é a faculdade de mobilizar diversos recursos cognitivos para com eficácia e pertinência, enfrentar e solucionar uma série de situações, ou problemas [...]” (*apud* ANTUNES, 2001, p. 17).

No cotidiano da escola, dentro do ambiente escolar, diante dos mais diversos profissionais, o professor é aquele que tem contato mais direto com a criança, por isso, torna-se um importante referencial para a construção da personalidade da criança, assim como da sua autoimagem, no sentido de disponibilizar a atenção devida ao seu desempenho escolar, de modo que o amor-próprio seja consolidado, pois faz parte do processo de aprendizagem de vida e é um sentimento importante dentro de sua existência.

A relação professor aluno que por sua vez está articulada a um processo de ensino e aprendizagem, o qual, à medida que o professor ensina o aluno, ele também vai aprender com este, sobrevém uma troca, onde ambos devem encontrar-se abertos para isso.

Creio que a questão fundamental diante da qual devemos estar educadoras e educadores, bastante lúcidos e cada vez mais competentes, é que nossas relações com os educandos são um dos caminhos de que dispomos para exercer nossa intervenção na realidade a curto e a longo prazo. Dessa forma nossas afinidades com os alunos, exigindo nosso respeito a eles, exigem igualmente a nossa ciência das qualidades concretas de sua situação, o qual os condiciona. Buscar conhecimento a cerca da realidade em que vivem nossos alunos é um dever que a prática educativa nos impõe: sem isso não temos acesso à maneira como pensam, dificilmente então podemos perceber o que sabem como sabem (FREIRE, 1997, p. 51).

Tal correspondência na relação em sala de aula, professor-aluno, é bem mais extensa do que se pensa, envolvem-se temas culturais, sociais e, além disso, os conteúdos que carecem ser trabalhado de maneira contextualizada. O processo de construção da leitura e escrita, por exemplo, deve estar conectado ao dia a dia desses educandos para ampliar as aptidões de cada um desses alunos, pois, levando em consideração que a educação deve cooperar para o desenvolvimento do indivíduo enquanto pessoa, é preciso que os conteúdos decorram por assuntos que tornem esses alunos mais cidadãos:

[...] o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma ‘cantiga de ninar’. Seus alunos cansam não dormem. Cansam,

porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (FREIRE, 1996, p.96)

Ainda segundo Freire,

[...] o professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca. Um educador deve buscar um aperfeiçoamento constante, ter um carinho especial pela profissão que abraçou e saber utilizar sua autoridade com moderação e imparcialidade. (FREIRE, 1996, p.73.)

Prontamente, a relação entre professor e aluno está amarrada, essencialmente, no clima constituído pelo professor, na relação empática com seus alunos, na sua competência de ouvir, pensar e debater o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre a sua informação e a deles.

Com frequência nos deparamos com circunstâncias que nos levam a refletir sobre a carência de práticas pedagógicas que dialoguem com as diferenças existentes em sala de aula. Cada vez é mais comum nos depararmos com professores que fazem críticas a determinados “alunos problemas”. Assim considerados por não conseguirem construir um bom relacionamento dentro da sala de aula. É sabido que algumas dificuldades permanecem nesta relação professor e aluno e que muitos alunos são encaminhados para o Serviço de Orientação Escolar (SOE) desde as séries iniciais, com o rótulo de “problema”.

A afetividade na afinidade professor e aluno favorece a autoestima, o diálogo e a socialização. É preciso analisar, também, que a afetividade é respeitável no processo de avaliação separando o risco de casuais hostilidades entre professor e aluno. Se, para Wallon (1989), a emoção e a inteligência são indissociáveis e potencializadas pela socialização, priorizar a afetividade nas interações ocorridas no ambiente escolar coopera para dinamizar o trabalho educativo.

Ensinar e aprender. É a afirmação de uma relação de causa e efeito, é o resultado da permuta das informações e das experiências pessoais entre aluno e professor. Nessa troca, ninguém sai intacto, devido a isso os resultados serão definidos e peculiares, na medida em

que marcantes e exclusivos forem o empenho, a responsabilidade e as influências recíprocas de quem ensina aprendendo e de quem aprende se educando. Neste relacionamento educador-educando, o vínculo afetivo será um amplo facilitador na ação de ensino aprendizagem, pois pela formação de um forte vínculo afetivo, a criança não se sentirá sozinha, facilitando assim seu aprendizado.

Segundo Rubem Alves (2001), toda aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. Concordando com o autor, se a aprendizagem ocorrer com afetividade, seguramente o clima criado constituirá de prazer, amparo, alegria, coleguismo. Ou seja, prazerosamente o conteúdo será ofertado e as dificuldades serão envolvidas e acolhidas como componente do processo, amparando o aluno, deste modo, na superação das dificuldades.

Observar o diálogo como aquilo que não se pode abstrair na relação professor aluno não constitui, conseqüentemente, desconsiderar a diretividade necessária ao processo ensino aprendizagem ou a má interpretação de que o bom professor é “o bonzinho”, “o que permite tudo” ou “o que compreende o aluno em todas as suas atitudes”. A relação professor aluno, por seu caráter avesso, oferece riquíssimas possibilidades de desenvolvimento (ALVES, 2001).

A escola tem sido elemento de estudo da Educação, da Psicologia e, além de ser um ambiente físico estruturado para educar crianças, adolescentes e adultos, compõe-se igualmente em espaço de relações humanas. Por essa causa, precisamos compreendê-la, procurando sistematizar os aspectos que permeiam as relações que ali se edificam. Perante as implicações teóricas expostas, reafirma-se a importância da afetividade não apenas na relação professor-aluno, contudo igualmente como tática pedagógica. Um professor que é afetuoso para com seus alunos constitui uma relação de segurança impede dificuldades afetivas e cognitivas, beneficia o trabalho socializado e ajuda o aluno a ir além de erros e a aprender com eles. No ponto de vista sociointeracionista, permite à criança instruir-se com os membros mais experientes de sua cultura. Deste modo, se o professor for afetuoso com seus alunos, estes aprenderão a ser afetuosos também.

Nesse aspecto, o fator afetivo permite que o professor trabalhe não somente informações da construção do real, mas também a constituição do próprio sujeito, como os valores e o caráter. Ademais, a criança que se sente adorada, aceita, apreciada e respeitada adquire autonomia e certeza e aprende a amar, ampliando um sentimento de autovalorização e

importância. Se uma criança apresentar uma opinião positiva sobre si mesma e sobre os outros, apresentará maiores condições de aprender. Nesse ponto, o desempenho do professor é essencial, constituindo sua atuação um bloco de construção da afetividade na criança.

A AFETIVIDADE NA PRÁTICA DE SALA DE AULA

Como a educação não pode e não necessita ser algo estático e unidirecional, necessitamos notar que a sala de aula não é tão somente um lugar para abordar conteúdos teóricos; é, igualmente, ambiente de prática de valores e comportamentos, de obtenção de uma mentalidade científica lógica e participativa, que poderá permitir ao indivíduo, desde que bem orientado, interpretar e transformar a sociedade e a natureza em benefício do bem-estar grupal e pessoal.

A escola constitui-se num espaço essencialmente educativo, cuja função fundamental é a de mediar o conhecimento, possibilitar ao educando o acesso e a reconstrução do saber. Esse desempenho está imbricado inexoravelmente às relações, pois a comunicação do conhecimento se dá na influência mútua entre pessoas. Assim sendo, nas relações ali constituídas, professor/aluno, aluno/aluno, o afeto está presente. Um dos objetos efetivos para que esta relação seja expressiva e conceba uma parceria no processo ensino-aprendizagem é o diálogo.

Na área educacional, a confiança de que a aprendizagem é social, intercedida por círculos culturais, causa um novo apreciar para as práticas pedagógicas. A apreensão que se tinha com o "o que ensinar" (os conteúdos das disciplinas), passou a ser dividido com a preocupação de "como ensinar" (a forma de, as maneiras, os modos). As influências mútuas em sala de aula são estabelecidas por um conjunto complexo de alteradas formas de desempenho que se constituem entre as partes abrangidas, professores e alunos. Uma atitude está intensamente pautada ao desempenho anterior e origina, sobremaneira, o procedimento seguinte. Na verdade, é pela totalização das distintas formas de desempenho, durante as atividades pedagógicas, que a professora vai considerando a relação que se constitui entre o aluno e os diferentes objetos de conhecimento. O que se fala, como se fala, em que momento e porque - da mesma forma que o que se faz, como se faz, em que ocasião e porque - comprometem fortemente as afinidades professor-aluno e, conseqüentemente, influenciam abertamente o processo de ensino-aprendizagem, ou seja, as próprias relações entre sujeito e objeto. A inter-relação, a conduta do professor em sala de aula, por meio de suas crenças, intenções, sentimentos, desejos, seus valores, atinge cada aluno particularmente.

Em 2008 fui transferida para uma escola da rede pública na zona rural de um município da região metropolitana de Porto Alegre. Recebi uma turma de segundo ano, primeira turma do ensino fundamental de nove anos, alfabetizados pelo projeto do GEEMPA (Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação). Para dar continuidade ao trabalho tive a oportunidade de fazer um curso com esse grupo, que trabalha com um projeto de alfabetização, prometendo 100% de alunos alfabetizados. A proposta do Geempa é cientificamente embasada e sua âncora são os elementos teóricos sólidos do pós-construtivismo, a partir de estudos desenvolvidos por Piaget, Vygotsky, Wallon, Gérard Vergnaud, Sara Paim e todo um conjunto de elaborações na antropologia, na psicanálise, na medicina, na pedagogia e na psicologia da inteligência.

Houve o desafio, no ano de 2010, de retomar o trabalho com a turma, agora no quarto ano. Em 2009 a professora que trabalhou com a turma não estava dentro da proposta da alfabetização, não havia participado de nenhum curso oferecido pelo GEEMPA e tampouco demonstrava interesse pela proposta e por essa razão me foi realizado o convite. De acordo com a Dra. Esther Pillar Grossi, coordenadora geral do Programa Geempa de Alfabetização, não se ensina explicando, se ensina instigando os alunos com desafios para que eles se façam perguntas. Só se aprende se há algo a preencher, uma lacuna. A competência para identificar esta falta tornou-se a base da ação docente. Para que se obtenha importante sucesso com os resultados da tecnologia geempiana de alfabetização, indiscutivelmente o núcleo é o professor, tendo por foco a qualidade da educação que oportuniza em sala de aula, da organização do seu trabalho no campo da didática da alfabetização e da matemática nos anos iniciais do ensino fundamental, da conexão de técnicas, aparatos e ferramentas agregados como artifícios de ensino-aprendizagem assim como todo afeto que dedica na realização desse trabalho.

Inicialmente não houve relutância de minha parte em aceitar a classe e enfrentar o desafio. Nos primeiros dias de aula foi possível perceber que a turma não era a mesma. Além do fato dos alunos estarem crescidos, a turma havia recebido outras oito crianças que repetiram a 3ª série do ensino fundamental de oito anos. Era de conhecimento a “fama” desses oito alunos que estavam ali porque no ano anterior não copiavam, deixavam de fazer os temas, faltavam, eram desorganizados e seguidamente eram encaminhados para fazer as atividades na biblioteca da escola. Três alunos já haviam repetido em outras séries por mais de uma vez. Quando se abriu a porta da sala de aula, abriu-se também o coração para acolher

cada um dos alunos. Era sabido que o desafio não seria pouco, mas não foi motivo de susto, pois o olhar de felicidade deles ao saberem quem seria a professora emocionou e encorajou.

Nos primeiros dias do ano letivo são realizadas as apresentações onde se incentivam os alunos a contarem a sua história de vida até aquela data, onde são identificados os assuntos relativos a relacionamentos familiares, escola, desejos, anseios, pontos positivos, negativos etc.

Constroem-se os combinados em sala e também se estabelecem as responsabilidades de cada aluno, pelas quais serão cobrados. A cada dificuldade deparada no indivíduo ou na classe como um todo, prontamente se adotam providências necessárias e oportunas para as soluções.

Em uma das atividades na turma e discorrendo sobre situações de afetividade, a maioria dos alunos ficou atenta e alguns ficaram com os olhos marejados. No intervalo da merenda, após esta intervenção uma das alunas se aproximou e me interrogou de maneira incisiva: "Você gosta de mim?". Após eu responder que sim ela continuou: "Porque acho que a minha mãe não gosta...".

Situações semelhantes a esta são inúmeras, tanto em maior como em menor intensidade e complexidade. O papel do educador em classe é oportunizar situações para a aprendizagem do conteúdo a partir do amor e do afeto proporcionando uma melhoria na autoestima. Com esta postura espera-se a melhoria comportamental e o tão natural e esperado aprendizado. Este processo latente e vivo evolui ano a ano e é justaposto sempre de modo natural pelo acúmulo das experiências dos anos anteriores.

A relação que caracteriza o ensinar e o aprender decorrem de vínculos entre as pessoas e seu início se dá no âmbito familiar. O alicerce desta relação é o vínculo afetivo, pois é por meio de uma forma de diálogo emocional que o bebê movimenta o adulto, afixando assim os cuidados de que carece. Deste modo, é o vínculo afetivo constituído entre o adulto e a criança que ampara a etapa inicial do processo de aprendizagem. Seu vínculo é essencial nos primários meses de vida, originando a sobrevivência. Da mesma forma, é a partir da afinidade com o outro, através do ligamento afetivo que, nos anos iniciais, a criança vai tendo acesso ao mundo simbólico e, assim, apossando-se de avanços expressivos na esfera cognitiva. Nesse sentido, para a criança, torna-se extraordinário e fundamental o papel do vínculo afetivo, que

vai se expandir, e a figura do professor surge com grande estima na relação de ensino e aprendizagem, no período escolar. Ao se chamar a família para conversar sobre a vida do aluno na escola e no lar cuida-se para não partir os laços entre a professora e o aluno, objetivando sempre o apoio dos familiares aos valores aspirados que por vezes são insuficientes no seio familiar. Posteriormente à identificação da estrutura familiar, das ligações e dos valores familiares, na maior parte das vezes ficam evidenciados o desequilíbrio e carência de amor, afeto e, por conseguinte, a baixa autoestima. Assim nos deparamos muitas vezes com um aluno sem respeito, desinteressado, que atrapalha a aula, os colegas, a professora, indisciplinado, e que normalmente nos recreios e horário de entrada e saída ainda cria atritos com os colegas de outras classes etc.

Valendo-se de sutileza é possível obter dados importantes do ambiente familiar com as crianças, referentes à passagem de valores morais, de carinho, afeto no lar e, coincidentemente, aqueles que tinham as maiores dificuldades de aprendizado são os mesmos que de uma maneira ou de outra apontavam um lar quase que desestruturado emocionalmente.

O modelo tradicional de intervenção do professor incide em esclarecer como resolver os problemas, dizendo se o aluno “está certo” ou “está errado”. Muitas crianças ficavam à espera de receber esse certo ou errado. Assim que terminavam as atividades, minha mesa era totalmente tomada pelos cadernos dos alunos que numa busca por um “está certo” e “parabéns” tinham tal iniciativa. Tais expressões são contra a teoria da psicologia genética de Piaget, que ressalta a importância da observação do professor para com os alunos. Uma observação acertada, para ver o momento de adiantamento que a criança está experienciando, assim saber que atividade cognitiva aquele aluno estará hábil a realizar. O professor será o encorajador, o incentivador para a iniciativa própria do estudante. Como educador, é preciso saber que não é somente copiando lições, arquivando informações, nem apenas reproduzindo o que o professor ensina que a criança edifica o seu conhecimento sobre a escrita, mas sim por meio da ação, num artifício interno que não pode ser visto como algo a ser totalmente controlado pelo professor, uma vez que cada criança deve ser instigada em seu tempo.

As crianças que haviam repetido o ano eram mais introspectivas, raramente procuravam que seus cadernos fossem olhados por mim, escondiam-se. A acomodação das carteiras em sala de maneira tradicional (em fileiras) pode ser a que abriga o maior número de alunos na sala, e, por isso, talvez, a mais prática, mas não é a mais eficiente do ponto-de-vista

didático e de certa forma dificultava o trabalho. Dessa forma, para alcançar uma aula mais participativa, a formação em “meia lua” facilita muito porque o professor pode interagir com todos os alunos e não exclusivamente com aqueles que estão na frente da sala. A formação em fileiras favorece os alunos que se sentam mais à frente, deixando os alunos do “fundão” livres para se destinarem a outras atividades nem sempre arroladas ao assunto da aula. Tais dificuldades podem ser transformadas em estímulos contrários para os alunos que se sentam nas últimas carteiras de cada fileira. Por essa razão, a formação em “meia lua” e, algumas vezes em grupo, pareceu-me mais “democrática”, pois todos são sujeitos aos estímulos com a mesma amplitude e como o professor tem um contato visual por igual com todos os alunos, esse estímulo pode ser reforçado nos alunos que apresentam tendência a “ausentar-se” em espírito. Diante de tal situação, a disposição das carteiras foi reformulada para o formato de “meia lua”, de tal modo que todos os alunos conseguissem ver os colegas. Dessa forma, o professor, na medida em que conversa com a turma, passeia por entre os alunos e pode dar sua aula alternando-se entre a frente da sala e o centro.

A correspondência de sentimentos foi possível pela proximidade entre professora e alunos. O contato físico foi outro aspecto pertinente ao desempenho postural, igualmente nasceu como uma forma de influência mútua bastante afetuosa, incidindo em vários momentos. Apareceu enquanto os educandos registravam, ou liam para mim, quando se aproximavam para perguntar alguma coisa, ou ainda foi observado seguindo um elogio em virtude do término da atividade.

Acerca da relação professor-aluno, essa relação foi baseada no diálogo mais abundante possível, onde os “erros” dos alunos eram assumidos como tentativas de acerto, complementares do processo de aprendizagem. Isso ocorreu porque quando o aluno “errava” era possível perceber o que o aluno já havia alcançado e o que ainda deveria ser buscado. Eram considerados “erros construtivos” que podem à primeira vista dar a impressão de se afastarem da resposta correta, mas representam o caminho para as crianças aproximarem-se dela. Deste modo, as correções das atividades eram realizadas no quadro e cada aluno era responsável por realizar a sua correção no caderno.

Quando um aluno era convidado a realizar a correção no quadro ou outra atividade de maior exposição, era comum ouvir a expressão “eu não sei”. A partir daí foi feita uma combinação com a turma com a reformulação dessa expressão que passou para “eu **ainda** não

sei”. Os alunos gostaram muito, pois com a colocação da palavra “ainda” criou-se a possibilidade de se ter capacidade, de conseguir acertar as atividades. Se algum colega falava a frase “eu não sei”, imediatamente outro aluno falava “é ainda não sei, logo tu já vai saber”. Com isso o medo do erro foi ficando para trás e em pouco tempo não havia resistência em realizar as correções no quadro ou outra solicitação em que fosse necessário se expor. Ajustar a tarefa às possibilidades do aluno, prover meios para que alcance a atividade acreditando em sua competência, demonstrar atenção às suas dificuldades e problemas, são atitudes bastante apuradas de convívio afetivo.

Logo, a relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido em sala de aula, da afinidade com seus alunos, de sua competência de ouvir, pensar e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles. Indica também que o professor educador deve buscar educar sempre para as mudanças, para a autonomia, para a liberdade possível numa investida global, cogitando o lado positivo dos alunos e para o entendimento de um cidadão consciente de seus deveres e de suas responsabilidades sociais.

Na hora do recreio era comum que sempre houvesse algum atrito envolvendo os alunos desta turma, confusões entre eles, que nos anos anteriores eram sempre levadas para que a direção resolvesse. No entanto, neste ano, quando os alunos se dirigiam a mim para reclamar de algo que havia acontecido na hora do recreio, eu sempre estava disposta a ouvir. Os alunos envolvidos ficavam na parte de fora da sala, enquanto a turma entrava e recebia uma atividade para realizar. Após ouvir a situação que causou o desentendimento, os alunos pediam desculpas e retornavam para a sala de aula. A turma ficava surpresa ao ver que não se encaminhavam mais os alunos para a “Sala da Direção”. Com o passar do tempo, as brigas eram menos frequentes. Eu costumava lembrar que a combinação que foi construída pela turma no início das aulas tinha sido: “Usar o tempo do recreio para se divertir”. E os próprios alunos comentavam: “Brigar não é diversão, né professora?”. Assim que os alunos começaram a perceber que o recreio era o tempo deles para brincarem e se divertirem e que se houvesse alguma discussão era possível resolver as situações entre eles, muitas desavenças eram resolvidas assim, sem esperar pelo final do recreio e pela minha presença. Se houvesse alguma situação na hora do recreio que não conseguissem resolver, eles mesmos diziam: “Espera aí professora que já vamos entrar para a sala, pois precisamos conversar antes”. A conversa acontecia em poucos minutos e antes de entrar eles comentavam que estava tudo

resolvido. Só há conflito onde permanece diferença e o sujeito compondo um ser múltiplo e diversificado não tem porque impedir. No dia a dia escolar, fundamentalmente heterogêneo, é indispensável que o conflito passe a ser enfrentado como uma possibilidade para o desenvolvimento emocional e intelectual dos indivíduos envolvidos no processo ensino aprendizagem.

Deste modo, a carga da escola é enorme, a orientação dada às demandas pedagógicas e não pedagógicas que passam a existir no seu dia a dia, sobretudo na sala, de aula adquire um importante sentido na formação dos sujeitos, na construção de suas considerações e entendimentos. O desafio de afrontar os problemas decorrentes das diferenças e da multiplicidade social, étnica, cultural, entre outras, é cada vez igualmente presente no processo educacional e não pode ser calado. O conflito emocional incita o desenvolvimento, já que resolvê-los provoca a sustentação do equilíbrio entre razão e emoção, o que induzirá a uma maior maturidade tanto da afetividade quanto da inteligência.

A partir do momento em que os alunos tiveram o carinho e tempo necessários para conhecer e adquirir confiança, seu comportamento foi modificando, contribuindo assim com seu desenvolvimento cognitivo. Percebe-se, assim, a importância do professor dedicar-se e descobrir modos de agir que mais se adequem à sua clientela. Comentários como “tenho vontade de ficar bem do lado da professora. A gente se sente mais à vontade para perguntar para ela, não dá medo” demonstram a influência positiva do relacionamento com a professora, no processo ensino-aprendizagem.

Os dados revelaram que os gestos posturais divulgam grande parte da afetividade, ainda que a linguagem oral prevalecesse nas influências mútuas em sala de aula e tenha exercido um papel fundamental nas relações observadas. Na verdade, as palavras geram pouca eficácia na conversação quando atuam de maneira fechada, mas quando agregadas a posturas visuais e fatos sinestésicos estes aprimoram a comunicação eficiente e integral. Foram tais estratégias empregadas na comunicação com os alunos que completaram e deram maior sentido ao que já era dito oralmente.

O contato físico, outro aspecto pertinente ao procedimento postural, igualmente surgiu como uma forma de interação bastante afetiva, acertando em diversas ocasiões durante a realização da atividade. Apareceu enquanto os alunos anotavam, ou liam, quando me

abordavam para perguntar alguma coisa, ou ainda seguindo um elogio em virtude do término da atividade.

Os alunos assinalaram a proximidade física como uma forma de auxiliar, de imprimir segurança e calma perante às atividades. Reconheceram que ao se chegar, a professora oferecia sugestões, ideias que eram aplicadas por eles, fazia correções. Comentários como “Acho legal quando a senhora fica próximo, pois me ajuda e eu gosto. Acho que eu penso bem mais. Porque com a senhora perto me ajuda mais, do que quando eu penso sozinho” demonstram este aspecto.

Procuro estimulá-los por meio de expressões, gestos, demonstrando a importância deles, como sujeitos respeitáveis e ativos nas afinidades constituídas, apostando em esquematizar novos caminhos que partissem com a noção de fracasso e de exclusão presente em muitos alunos. Essas aulas expressavam igualmente mais que um simples conteúdo, existia uma afinidade direta com circunstâncias relacionadas a eles. As influências verbais tinham por desígnio animar, envolver e amparar o aluno, no sentido de prover elementos que permitissem uma constante preparação por parte dele. Deste modo, infere-se que houve maior apreensão com o procedimento de execução da atividade e não somente com o efeito final. Tanto a forma de se falar, como o conteúdo propriamente dito evidenciou a relação entre o encanto em aprender, o empenho em fazer e a atuação do outro, sugerindo o caráter afetivo que marcava a relação. Desta forma, os alunos começaram a investir no próprio aprendizado confiando na capacidade de cada um e fortalecendo a autoestima. O fato de terem acordo do entrelaçamento dos aspectos afetivos e cognitivos possibilitou que tivessem maior possibilidade de controlar e reverter sentimentos negativos, como também explorar de maneira positiva o desejo de aprender e o interesse em fazer.

Além disso, neste aspecto destaco algumas falas corriqueiras dos alunos em relação a minha pessoa, lembrando a forma como se desenvolve a minha prática, mesmo por aqueles que analisam a matéria como complicada e complexa: “A professora diz bem explicadinho, se a gente não entende na hora ela vai lá e explica de novo”; “A professora dá carinho e bastante atenção pra gente”. Essas falas nos obrigam aceitar a valorização dos alunos à professora que os ouve, que presta atenção às suas dificuldades e que entende que a aprendizagem não advém ao mesmo tempo e do mesmo jeito para todos. Reconhece que ela é um componente importante de intermédio entre o aluno e o conhecimento. Nesse sentido, podemos fazer

referência à teoria vygotskyana sobre a ação do professor de intervir na zona de desenvolvimento proximal dos alunos, a seriedade da intervenção pedagógica, fazendo juntos, evidenciando, abastecendo pistas e provocando avanços que não aconteceriam espontaneamente.

Os alunos confirmaram em suas explicações tanto a forma de se falar, como o conteúdo propriamente dito, evidenciando a relação entre o encanto em aprender, o empenho em fazer e o desempenho do outro. Nas falas de dois alunos que estava repetindo o ano é importante destacar: “Eu tô gostando de escrever mais agora porque a senhora tá ensinando bem direitinho. Antes eu gostava, mas ninguém me ensinava.” Outra fala: “A senhora sempre faz carinho e fala que vou conseguir fazer certo. Eu gosto. É bom. Tudo que agrada é bom”.

Os dados revelaram que, faixa etária considerada, os sinais posturais divulgam ampla parte da afetividade, ainda que a linguagem oral prepondere nas interações em sala de aula e contenha realizando um papel fundamental nas relações ressaltadas. Na verdade, as atitudes corporais completaram e ofereceram maior sentido ao que era dito oralmente na ocasião. No que se refere aos teores verbais, ressaltar que os que continham por objetivo estimular e apoiar os alunos durante as atividades foram os identificados com maior frequência. Ambos citam as interações verbais que tinham por objetivo encorajar, abarcar e auxiliar o aluno, no sentido de prover elementos que permitissem uma constante elaboração por parte dele. Nesse significado, infere-se que existiu maior atenção e preocupação com o processo de desempenho da atividade e não exclusivamente com a consequência final. É importante que os alunos sintam que eu sou cúmplice e que vou ajudar, sou amiga, e não aquela professora que vai julgar o certo e o errado com aquelas expressões “você fez certo, você fez errado”, “vocês são fortes ou fracos”. Acredito que isso não existe que todos os alunos têm que estar sentindo que eu estou aqui valorizando o desenvolvimento individualmente e respeitando cada um. Acredito que o aluno precisa se sentir seguro, se sentir tranquilo, para se colocar. Não pode haver receio de tentar, de investir nessa escrita, de acreditar nas hipóteses dele. Por e razão, é formidável ter uma pessoa que o estimule. Mas não é o tipo de incentivo de falar que está tudo uma maravilha, mas que o ponha em conflito igualmente. Se o professor estiver intermediando com calma, transmitindo segurança, ajudando a elaborar essa construção, seu ritmo vai ser diferente.

A partir dessas situações pode-se assegurar que as relações de interferência feitas pelo professor, durante as atividades pedagógicas, necessitam ser continuamente permeadas por

sentimentos de simpatia, acolhimento e respeito, além de aceitação, compreensão e valorização do outro. Tais considerações não só apontam a relação do aluno como objeto de conhecimento, como também afetam a sua autoimagem, beneficiando a autonomia e fortalecendo a certeza em suas competências e determinações.

Em diversos momentos, nas falas dos alunos, destacou-se o anseio, o prazer em conseguir realizar a atividade e de vencer os desafios. As formas de atuação da professora, do mesmo modo como o tipo de atividade que planejava, foram os indicativos deste desejo e prazer manifestos por eles. Evidenciou-se uma intenção, expressa por parte da professora, de organizar e planejar atividades que despertassem o empenho dos alunos. Outra questão observada nos dados foi a importância das distintas formas de interação entre a professora e os alunos, para a edificação da autoestima e da autoconfiança, implicando abertamente no processo de aprendizagem. Repetidamente detectaram-se, nas interações, os sentimentos de abrigo, afinidade, consideração e apreciação.

Igualmente, evidenciaram-se sentimentos de inclusão, concordância e valorização do outro. Nesse sentido, pôde-se concluir que os conhecimentos vividos em sala de aula consentiram trocas afetivas positivas que, não só apontaram positivamente o elemento de conhecimento, como igualmente beneficiaram a autonomia e fortaleceram a certeza dos alunos em suas competências e decisões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre afetividade e aprendizagem consistiu em falar da essência da vida humana, que por sua natureza igualitária, se constrói na relação do sujeito com os outros sujeitos, num contexto de inter-relações. Introduzir-se no universo escolar, tão contemporâneo em nossas vidas e, contudo difícil de desvendar, onde não há passagens determinadas, mas que vão sendo erguidas no andar, manifestar-se a noção de que não podemos assistir realmente como é, assistimos o que podemos e conseguimos ver, o que nos permitem nossos conhecimentos e entendimentos.

A conduta do professor, em sala de aula, anuncia seus intuítos, crenças, seus valores, anseios, desejos que afetam cada aluno particularmente. Por meio dos comentários desses alunos, foi possível conseguir uma amostra de como veem, compreendem e sentem determinados aspectos da conduta da professora e a influência destes na aprendizagem. Essa afinidade é uma via de mão dupla, professor/aluno, aluno/professor, que faz da sala de aula um círculo de valores, necessidades, anseios e frustrações que se encruzam e, assim sendo, se entusiasmam mutuamente. Por isso, tanto professor como aluno são responsáveis por oferecer o tom a essa relação, mas é indispensável que compreendamos que nós professores somos maestros nessa sinfonia, por nossa formação ou experiência em relação ao aluno, sujeito em desenvolvimento, à procura de identificação.

Outra questão ressaltada nos dados foi o valor das distintas formas de interação professor/aluno, para a construção da autoestima e da autoconfiança, implicando abertamente no processo de aprendizagem. Repetidamente detectaram-se, nas interações, emoções de amparo, afinidade, respeito e apreciação. Da mesma maneira, confirmaram-se sentimentos de inclusão, assentimento e valorização do outro. Nesse sentido, pôde-se aprontar que os conhecimentos vividos em sala de aula consentiram trocas afetivas positivas que, não só marcaram positivamente o objeto de conhecimento, como também favoreceram a autonomia e fortaleceram a confiança dos alunos em suas capacidades e decisões.

Em muitas ocasiões, nos relatos dos alunos, destacou-se a vontade, o encanto em atingir a atividade e de vencer os desafios. As formas de atuação da professora, assim como o tipo de atividade que planejava, foram os indicadores deste desejo e prazer manifestos por eles. Evidenciou-se uma intenção, expressa por parte da professora, de esquematizar atividades que viessem ao encontro dos interesses dos alunos. Mesmo mantendo-se o contato

corporal como forma de carinho, explicitar verbalmente a capacidade do aluno, falar bem de seu trabalho, reconhecer seu esforço, são formas cognitivas de conexão afetiva. Os dados apresentados parecem admitir que existiu um aprimoramento nas trocas afetivas. Foi comum deparar, nos testemunhos dos alunos, com menções ao respeito, à cooperação, à valorização de cada um e ao desejo de compreender o outro. Portanto, quanto melhor constituírem as condições de se cultivarem sentimentos como estes, mais sólidos e densos constituirão os relacionamentos, gerando uma aprendizagem significativa.

É adequado afirmar que as afinidades entre as pessoas não são sempre permeadas pela calma e pela brandura. Os acontecimentos afetuosos referem-se igualmente aos estados de exaltação, receio, aflição, desgosto. Tais sentimentos e emoções se fazem presentes nas interações sociais. Contudo, deve-se lembrar de que na presente pesquisa, tais manifestações foram observadas, assim como os dados coletados não se restringiram apenas às situações específicas de aprendizagem, envolvendo atividades de produção de escrita.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. R. S. **Emoção na sala de aula**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

ALVES, R. **A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

ANTUNES, Celso. **Alfabetização emocional**. São Paulo: Terra, 1996.

ANTUNES, Celso. **Como desenvolver as competências em sala de aula**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, Professores Fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo:

Olho d'água, 1997.

GADOTTI, M.. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1999.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky. Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sócio histórico**. São Paulo: Scipione, 1998.

SYNDERS, Georges. **A alegria na escola**. São Paulo: Manole, 1998.

SEBER, Maria da Glória. **Piaget: O diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio**. São Paulo: Scipione, 1997.

TEBEROSKY, Ana e CARDOSO, Beatriz. **Reflexões sobre o Ensino da Leitura e da Escrita**. São Paulo, Trajetória Cultural – UNICAMP, 1989.

VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WALLON, Henri. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1989.